

A ARTE DO ENCONTRO ENTRE DIFERENTES NUMA DISCURSIVIDADE FASCISTA

THE ART OF ENCOUNTER BETWEEN DIFFERENT PEOPLE IN A FASCIST DISCURSIVITY

Pedro de Souza¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Apresento neste artigo elementos para analisar o discurso do sujeito dominado em confronto com o fascismo. Trata-se de tomar a instância de enunciação em que, conforme Michel Foucault, se pode mesmo em atos de inútil revolta, atentar para os fascismos cotidianos que pode resvalar nas palavras de cada um. Devo servir-me de sequências cênicas do filme *Um dia muito especial*, de Ettore Scola, focalizando os atos de fala dirigidos reciprocamente pelos protagonistas da narrativa. Ressalto, na análise, o efeito das respectivas enunciações tramando a distância de cada sujeito submetido na diferença com a mesma discursividade fascista que os interpela.

Palavras-chave: Discurso; Enunciação; Revolta; Sujeito.

Abstract: In this article I present elements to analyze the discourse of the dominated subject in confrontation with fascism. It is a matter of taking the instance of enunciation in which, according to Michel Foucault, one can even in acts of useless revolt, pay attention to the everyday fascisms that can slip into the words of each person. I will use scenic sequences from the film *A Very Special Day*, by Ettore Scola, focusing on the speech acts reciprocally directed by the protagonists of the narrative. In the analysis, I emphasize the effect of the respective enunciations plotting the distance of each subjected subject. in the difference. with the same fascist discursivity that questions them.

Keywords: Discourse; Enunciation; Revolt; Subject.

Texto de autor convidado.

Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico [...] o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e Mussolini [...], mas também o fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas [...] explora.
Michel Foucault, 1974

¹ Atualmente é professor titular aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, Análise de Discurso atuando principalmente nos seguintes temas: discurso, enunciação, subjetividade, seguindo a perspectiva de Michel Foucault. Nessa mesma linha temática, orienta nos programas de Pós-graduação em literaturas e Pós-graduação em linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador bolsista do CNPq. Email: pedesou@gmail.com.

Para o que quero expor sobre o antifascismo, situado no plano das múltiplas cartografias discursivas de tudo o que é politizável na vida, volto à ambiência política dos tempos de Hitler e Mussolini, tal como reconstituída no filme *Um dia muito especial*, do cineasta Ettore Scola, 1977. A partir dessa memória cinematográfica quero propor aqui uma reflexão reiterando o que Michel Foucault (1974) atentou para os fascismos cotidianos em nossas cabeças.

O filme narra o dia em que se encontram, em Roma - 6 de maio de 1938 -, dois grandes líderes da forma emblemática do fascismo e do nazismo então vigente na Alemanha e na Itália. Enquanto ocorre a ruidosa manifestação popular na rua, organizada para a aclamação de Adolf Hitler sendo recebido por Benito Mussolini, no pátio de um grande edifício habitacional, acontece um encontro improvável. Defrontam-se, casualmente, no mesmo espaço, longe do cortejo político na rua, a dona de casa, Antonietta (vivida pela atriz Sophia Loren), fascistamente ciosa de suas obrigações domésticas, e o vizinho, Gabriele (vivido pelo ator Marcello Mastroianni), homem discriminado na vizinhança por conta de sua homossexualidade.

Enquanto na cidade, o povo celebra o encontro entre os dois ditadores aqueles dois, diferentes por suas respectivas atitudes de obediência e desobediência, se dão a ocasião de se experimentar existindo de um modo outro. Antonietta, a dona de casa, adepta do fascismo, prepara o café da manhã e a partida do marido e dos filhos que vão se juntar ao povo que vai ovacionar o encontro dos mandatários tirânicos. Mas ela decide não ir. Mergulha na chance de ficar só consigo mesmo, conformada com sua vida de mulher solitária relegada a uma existência reduzida aos afazeres domésticos.

Gabriele, vizinho, radialista recém-demitido, que mora no apartamento da janela bem de frente da cozinha de Antonietta, também não desce para a polvorosa parada. No condomínio esvaziado, os dois se encontram isolados, apenas vigiado pela zeladora cuja presença é uma espécie de olhar panóptico a discretamente vigiar o movimento dos dois, enquanto cuida da manutenção do condomínio evacuado naquele dia por conta do oficial desfile nazi-facista. Além da porteira apenas a dona de casa e o radialista permanecem no edifício. A fuga do papagaio de Antonietta os faz se conhecerem. O pássaro fujão bate as asas e vai entrar no beiral do apartamento de Gabriele. Antonietta, logo descobre o paradeiro de sua ave de estimação e bate à campainha do vizinho. Começa aí o encontro que vai tornar aquele dia muito especial para os dois.

Esquecidos pelos que se misturam à multidão na cidade, ali, diante de suas respectivas diferenças, descobrem-se desesperadamente sozinhos. Um se torna para o outro, na ordem moral do governo fascista que atravessa suas vidas, o espelho de estranhas e desconsideradas figuras. Tão estranhos que, na história que Ettore Scola conta deles, em *Um Dia Muito Especial*, a impossibilidade de encontrar abrigo um nos braços do outro, acaba por fazê-los se dar conta de quão diferentes são suas maneiras de existir. Diferença e estranheza que, no ensejo do difícil confronto mútuo, acaba por levá-los a uma atitude recíproca de afirmação política, a despeito de tudo que os exclui.

Mas não tenho espaço agora para prosseguir tecendo ponto a ponto a construção discursiva desta narrativa filmica. Por isso, para os objetivos que me levam a rememorar *um dia muito especial*, vou me ater apenas às sequências em que Antonietta e Gabrielle, antes de enfim eroticamente se acolherem para em seguida retornar cada um à sua vida privada, dão-se conta do que e de quem são no quadro de uma inusitada e contingente arte do encontro. O modo fascista de governar desconhece respectivos e singulares modos de existir desses protagonistas que contingencialmente se encontram em tempo e espaço não previsto: ela como sujeito-mulher de desejo, reduzida à função doméstica; ele como sujeito-homem de desejo, homo eroticamente orientado.

Afetada pelo encontro com o vizinho, Antonietta, depois de resgatar seu papagaio, retorna ao seu apartamento. Minutos depois, Gabriele vai visitá-la. Ela se deixa aproximar, mas não sem o cuidado da distância de quem não se arrisca a sair de seu modo seguro de viver. Mas o receio não elimina a necessidade de deixar uma parte de si aberta para o estranho. Há ali duas formas de vidas a jamais se juntar em suas diferenças irreduzíveis. Transcrevo agora as cenas que, na narrativa filmica, desde a perspectiva analítica que desenvolvo aqui, funcionam expondo sucessivos atos de enunciação que mais que endereçamentos de um destinador a um destinatário, performatizam a afirmação de si como diferentes perante a dominância de uma instância terceira que, por operações diversas e relativas à posição de cada um dos protagonistas, os anulam e fazem com que não sejam levados em conta até mesmo um para o outro na exata circunstância em que se defrontam.

Enquanto Gabriele vai moendo o café, ela vai até a sua toilette e se ajeita no espelho. De volta à cozinha, ao ser elogiada, ajeita o cabelo e sinaliza corporalmente o gosto em ser admirada e aprovada como mulher. No entanto fica atenta e não deixa de se saber diante de alguém de quem é preciso manter a guarda. Não por ele mesmo, mas pela posição de onde nunca vai poder se apartar. Há ali duas formas de vidas a jamais se juntar

em suas diferenças irreduzíveis.

De conversa em conversa, ela tateia o jeito de viver do homem por quem mal consegue disfarçar o desejo. No breve momento em que Antonietta se afasta, Gabriele examina, curioso, os objetos da sala da casa da vizinha. Detém-se ante uma parede de diplomas, retratos e fotografias.

Antonietta tem exposto na parede e em cima de um móvel um álbum de fotos e recortes de reportagens de jornais. Entre os recortes, uma frase chama atenção de Gabriele: “Um homem para ser homem tem de ser, pai, marido e soldado”. Instantes depois, na hora crucial do confronto entre os dois, Gabriele repetirá em voz alta esta mesma frase fazendo com que Antonietta o perceba na distância diferencial entre o homem que ela espera que ele seja e o que ele é. Mais adiante, analiso esta sequência buscando escutá-la não na voz do desabafo, mas da revolta como afirmação de si, ponto pouco considerado nas cartografias antifascistas pautadas pela petição de direito ao lugar identitário de fala.

Sob certo viés analítico, em verdade, proponho que o álbum pode aparecer como marca discursiva do lugar em que Antonietta é capturada nas malhas do discurso fascista. Mas nada a ver com convicção pessoal. Mesmo porque por mais que forjada nos interstícios ideológicos do fascismo, há sempre em toda história, posição subjetiva, lugar para acolher alguém tão estranho quanto Gabriele.

Esta fresta aberta em sua subjetividade dá ensejo para que ela mesma se depare diante de si mesma colocando-a no limiar de um processo de crise no que diz respeito ao lugar em que se entende como mulher do lar. Para compreender o que respectivamente se passa com Gabriele e Antonietta, no contexto de um modo fascista de governar, basta evocar aqui o diz Michel Foucault (2019) diz sobre atitude crítica entendida como um processo de dessubjetivação:

(...), nessa grande inquietude em torno da maneira de governar e na busca das maneiras de governar, localiza-se uma perpétua questão que seria: “como não ser governado assim, por isso, em nome desses princípios, em vista de tais

objetivos e por meio desses procedimentos, não desse modo, não para isso, não por eles?"; e se dermos a esse movimento de governamentalização, da sociedade e dos indivíduos, ao mesmo tempo, a inserção histórica e a amplitude que acredito ter sido a sua, parece que podemos nos aproximar disso que chamar-se-ia atitude crítica. (Foucault, 1990, p. 3)

Isso, entretanto, não sem antes suspeitar de Gabriele. A suspeita é levantada quando, por duas vezes a porteira de plantão, toca à sua porta com a desculpa de procurar uma chave. Na segunda vez, constatando que o estranho vizinho ainda se encontra na casa de Antonietta, ela adverte: " Não se pode fazer amizade com qualquer um"

Este alerta gera o primeiro atrito verbal entre os dois. Antonietta quer saber porque Gabriele foi despedido da rádio. Rolam alguns minutos de conversa irônica entre os dois, cada um preso ao seu lugar discursivo de enunciação: ela fiel aos ideais fascistas, ele admitindo-se ser o antifascista da vez.

Por fim, ela decide mandá-lo embora. Explica que não quer se comprometer, caso a porteira faça intrigas sobre o encontro com um depravado. Gabriele, porém, não se rende e insiste em acompanhá-la até o terraço, onde ela vai recolher a roupa. Aí é que, enquanto tiram peças secas do varal, Gabriele e Antonietta interrogam-se reciprocamente:

Antonietta: - Devia ter me dito antes como pensava

Gabriele: - Sobre o que?

Antonietta: - Sobre os álbuns e as fotografias.

Gabriele: - E o que mudaria?

Antonietta: - Não entraria na minha casa.

Gabriele – Do que tem medo? Está tão segura de sus ideias.

Antonietta – Sim senhor.... Não gosto de discutir com alguém como o senhor, que critica tudo, zomba de tudo. Ri do que não se deve rir.

Gabriele – Nem sempre dou risada. Não tenho motivos para rir. E a senhora por que não ri se sua vida vai tão bem? Tem uma casa um marido, seis filhos. Por que não ri?

Este diálogo é o gatilho para o que sucede logo após. Os gestos envolvendo os braços dela fazendo-a dançar para expor sua beleza. Ela, quando ri, não dá conta de interromper a prevenção desconfiada, por sabe-lo perigoso já que se declara antifascista.

Continuando a narrar os breves minutos daquele perturbador encontro, a montagem filmica discursivamente procede de modo a perturbar o espectador pela maneira direta com que a sequência de planos expõe as cenas em que um homem e uma mulher, permanecendo estranhos um ao outro vai da conversa interrompida na cozinha

para o terraço onde se perdem em um violento confronto. É quando se insinua a distância incontornável de suas posições subjetivas no interior do regime fascista em relação ao qual um se inclina e contra o qual outro se revolta. Ao mesmo tempo, o espetáculo do desfile acontece lá em baixo e intervém na cena, a modo de extracampo cênico que o espectador pressupõe pela inserção da *voz-over* do narrador radiofônico.

O recurso cinematográfico da voz do locutor soando, ao mesmo tempo por sobre as vozes dos protagonistas em cena, dá conta de manter o clima de tensão que não é só daqueles dois reciprocamente estranhos, mas do embate entre ser e não ser fascista. Este modo de montar sequências fílmicas adotado por Ettore Scola em *Um dia muito especial*, resulta num processo rarefeito de subjetividade.

Tal estrutura narrativa baliza meu propósito de análise, pelo menos no que diz respeito a desenvolver uma analítica centrada na singularidade de um acontecimento pontual de antifascismo contraposto a uma prática coletiva e sobre determinante de fascismo, representada pela homenagem que Hitler recebe de Mussolini, na mesma hora em que Antonietta e Gabriele estão suspeitamente juntos. A harmonia do encontro entre os dois tiranos não é a mesma que se vê acontecer ali no terraço do topo de um edifício, entre uma dona de casa e um homossexual.

Antonietta não mais disfarça que está atraída por ele. Quando movimenta seu corpo inteiro em direção ao de Gabriele, um grande lençol branco os delimita até a altura do peito de ambos. A boca inclinada para os lábios de Gabriele. Antonietta tenta um beijo, mas ele não corresponde. Importa destacar, a essa altura do contato entre os dois, os atos verbais que se seguem a esta tentativa de toque erótico. Nessa hora, na sequência da revelação autoafirmativa de Gabriele, vêm as falas de explosão, primeiro dela, depois dele. Para bem fazer compreender a direção de minha análise precisa transcrever os trechos deste diálogo pretendo de agressão e rejeição mútua. Afastando-se delicadamente do beijo de Antonietta, Gabriele declara repetindo a frase que viu antes na sala do apartamento de Antonietta.

Gabriele: - Tem uma frase em seu álbum: “Um homem tem que ser marido, pai e soldado”. [...] Eu não sou nem pai, nem marido, nem soldado.

Antonietta: - O que quer dizer?

Gabriele: - Não me demitiram da rádio por causa da minha voz. Pessimista, inútil e com tendências depravadas. Foi isso que disseram

Antonietta: - Não entendo.

Gabriele: - Você entendeu muito bem. É assim



2



Uma bofetada de Antonietta expõe cenicamente as marcas do ato de enunciação do sujeito que nela se produz deixando-se atravessar pelo discurso fascista, o mesmo que exclui os que vivem diferentemente. Porque corpo e sujeito resultam de articulação pontual de linguagem que ao mesmo tempo lhes interpreta e lhes dá forma. Gabriele, por sua vez, explode como quem relata a si na forma direta livre do discurso que o infama. Depois de leva-la a se ouvir e se ver em gestos como mulher carente de afeto, ele desabafa

Gabriele: - Infelizmente comigo você se equivocou querida. Não sou o homem viril que você esperava. Sou bicha! Veado! É assim que nos chamam.

² As fotos foram tiradas diretamente da versão do filme em DVD, produzido pela Versátil.

No bilhar da Praça Túsculo, quando descobriam, abaixavam as calças e enfiavam o taco na bunda. Entendeu o que disseram?

Antonietta – Vigem Santa! Está louco!

Gabriele: - Você não sabe nada. É uma mulher ignorante e obtusa. Uma mulher casada no cio, mas decente, muito decente. Uma daquelas que dizem: “foi um momento de fraqueza. O que você vai pensar de mim?”. Disposta a trepar no terraço e disposta a julgar, a linchar. E você, o que sabe?

Antonietta: - Silêncio, a porteira.

Gabriele: -Eu vou chamar a porteira. Porteira! Porteira! Assim todos vão saber que o inquilino do sexto andar é homossexual, pederasta! Um veado! Uma bicha!

Esta é a cena crucial em que a voz de Gabriele se contrapõe à locução radiofônica, transmitida do receptor da porteira para soar em todo o edifício. A voz insurgente de um homossexual se faz o contraponto vocal ressoando, como ato performativo antifascista sobreposto à voz do locutor que narra o desfile triunfal, aclamando a passagem do Führer e o Duce.

Não posso, no tempo que me resta nessa apresentação, expor em detalhe o percurso enunciativo da voz de um contra outro. Cada uma, nas respectivas posições e frequência sonora em que se realizam, sintonizam o ouvinte no mesmo efeito de insurgência. Ao reagir revoltado, Gabrielle, põe na sua voz ao do outro fascista, à distância dos que os constroem.

Atenho-me então às enunciações de Gabriele, mais corajosa que as de Antonietta naquilo que faz escancarar uma tirania fascista.

Digo que o discurso que Gabriele coloca em cena assemelha-se ao que Michel Foucault (2024) descreveu sobre o desabafo de Jean-Jacques Rousseau em *La liberté coupable*. Refiro-me à conferência radiofônica em que Foucault discorre sobre o Rousseau perseguido. Ele quer demonstrar como a figura do perseguido pode ser definida em certa relação do perseguido com a linguagem.

Ser perseguido é ter uma certa relação com a linguagem, é não poder empregar a primeira pessoa, não poder dizer eu" sem experimentar-se como exposto, como ferido pelos outros, por "eles", por todos esses "eles" que o rodeiam. Ser perseguido é não poder falar sem que esta fala escape àquele que fala, deslize fora de seu controle e, girando sobre si mesma, retorne contra ele, proferida agora por um outro, pelos outros. Ser perseguido é falar em um mundo absolutamente silencioso, onde ninguém responde. (Foucault, 2024, p.342, tradução minha)

A esse mesmo diapasão discursivo remeto o dizer que Gabriele produz sobre si, usando atos infames de fala que outros endereçaram a ele. Ainda que suas palavras possam parecer se voltar contra si mesmo, o controle do que diz sobre si fica garantida

pelo seu teor de denúncia antifascista. *Depravado! Bicha! Veado!* São palavras que, de tanto agir contra ele mesmo, agora são ditas voltando-se para os que o constroem em sua maneira de viver. O chamado dirigido em som alto à porteira encena o grito lançado ao silêncio do universo fascista, o mesmo que paira naquela hora sobre o edifício. Apesar do temor que Antonieta tem de ser flagrada diante de um louco gritando impropérios contra si mesmo, ninguém responde. Somente as próprias palavras de Gabriele que, por não serem replicadas, retornam a ele como que num ato libertador de sublevação.

Assim é que o homossexual difamado confisca o discurso difamador, retirando-o da hostilidade dirigida a ele, no intuito de assim devolver o mesmo ato discursivo, entretanto com sentido de insurreição. Basta considerar que a voz de Gabriele, atravessando estrondosamente o mesmo espaço acústico entre o prédio e a rua, rivaliza com a voz solene do locutor que, pelo alto-falante, narra o cortejo. Ambas cortam o silêncio a que está retido todo o ambiente vazio de seus moradores, agora presentes no desfile. Seria preciso esticar as orelhas e sintonizar um outro gesto afirmativo, que faz refluir não do fascismo fora dali comemorado, mas do antifascismo relegado à sua exclusão diferencial.

Nesse ponto aproximo novamente Gabriele de *Um dia muito especial* ao Rousseau das *Confissões*, descrito por Michel Foucault, ainda que possa parecer falsa esta aproximação, se retirada de seu contexto:

O que Rousseau proclamou vai ser sufocado no silêncio e permanecer talvez a linguagem única de um homem absolutamente só. Eis então que essa linguagem abandonada, na garganta de seu autor retorna para ele, estranhamente alterada. Rousseau ouve vozes que lhe dizem que ele mentiu, ele ouve dizer que sua inocência não passa de disfarce (...). Assim nasce em Rousseau o projeto inverso de acolher em sua obra essa linguagem estranha e hostil, e de retornar mais uma vez para que ele devolva enfim a linguagem pura, evidente, transparente da inocência. (Foucault, 2024, p. 343)

Neste quadro de enunciação do homem perseguido, incluo o ato de Gabriele agindo de modo a fazer Antonieta ouvir as vozes que o insultaram. Mas não é de reivindicação de inocência que se trata na expressão perturbadora de Gabriele, sim da afirmação de uma abjeta singularidade. Gabriele parece saber o quão estranhas podem ser as palavras cruas que do retorno à sua boca ele faz chegar aos ouvidos de uma dona de casa fiel ao fascismo. De hostil, sua enunciação, termo por termo, torna-se a transparência da coragem do que ousa se antepor ao fascismo da hora vocalmente

presente naquele espaço, sufocado pela dominante ambiência da festa nazi-facista celebrada na cidade, aos pés daquele edifício.

Conclusão

Mais do que chover no molhado e insistir sobre ilusória obviedade, tomei cenas do encontro inusitado entre um homossexual e uma dona de casa para refletir sobre a forma de fascismo que subsiste na história, não como regime político datado de governança, mas como apelo para que deixemos de ser os abjetos a que somos relegados e, desta maneira, nos encaremos na diferença. Justifico assim porque voltar a esse clássico exemplar da filmografia de Ettore Scola, - *Um dia muito especial*: pergunto de que modo é possível exercitar uma vida outra às margens do que atualmente e na perspectiva do agora se banaliza como fascismo. Qual a forma de uma voz que se contrapõe e se afasta de algo dito fascismo?

Em *Um dia muito especial*, vemos a encenação de um regime de governança contraposto a dois modos de existência postos à parte, rejeitados e excluídos. Um é o do homossexual solitário e triste, outro, o da solitária e fiel dona de casa. São vidas que vão se contrapondo e no seu mútuo estranhamento enquanto desenham o que ali se daria muito além do fascismo e do antifascismo. Não protestam contra o que se passa lá fora no encontro entre o Führer e o Duce. Apenas atêm-se, cada um, ao próprio gesto de dizer não na medida em que afirmam e a si como sujeitos, cada um no seu modo não reconhecido de existir. No dia histórico em que nazismo e fascismo se irmanam em praça pública, Ettore Scola torna presente, em sua narrativa filmica, a cena do encontro inusitado entre duas vidas esquivas entre si. Vê-se em ambos os protagonistas uma relação com a linguagem subtraindo-se ao regime tirânico de uma governamentalidade que intervém em suas maneiras de viver. Dois seres minoritários, cada um em suas respectivas existências, agem de modo a expor mutuamente sua conduta no curto tempo em que duram suas falas como insurreição. No breve instante de suas enunciações, eles não se inclinam ao jogo da arte de governar celebrada naquela hora, como o fazem todo cortejo que acompanhava os líderes fascistas-nazistas.

Nesta relação a dois, Gabriele representa o polo que não se assujeita às regras do jogo em evidência no momento em que se expõe como homem não compatível à forma-sujeito do fascismo. O face a face entre uma exemplar dona de casa e um rebelde homossexual pode ser a metáfora de um enfrentamento, de um embate, de um choque que se produz pela afirmação de seus atos de dessubjetivação vividos em direção a outra ordem

política de existência. Vale lembrar o que diz Foucault (1990, p. 54) " a política não é outra coisa senão (...) o que nasce com a resistência à governamentalidade, a primeira sublevação, o primeiro enfrentamento". Sublevar e enfrentar tem a ver com o efeito performativo das palavras ditas por Gabriele dirigindo-se, não à Antonieta, mas à discursividade fascista que atravessava seu lugar de fala de Antonieta enquanto mulher subalterna. Já não se trata mais de jogo, sim de uma atitude política que nasce do embate, do choque. Oportuno assinalar outra observação de Sardinha (2011) no que anoto sobre a diferença entre o gesto manifesto de Gabriele e o que, ao contrário da manifestação assujeitada saudando o fascismo, poderia ser uma passeata sublevante contra esse mesmo regime.

Recordo que até a descoberta da governamentalidade, as manifestações políticas classicamente entendidas mais não eram que acontecimentos de superfície, incapazes de tocar as cordas íntimas do funcionamento dos micropoderes, de onde estava excluída toda mudança segunda "a lei do tudo ou nada"(FOUCAULT, 1975, p. 32, apud Sardinha, 2011, p.107), como ele escrevia em *Vigiar e punir*. (Sardinha, op. cit., p. 107)

Reporto-me ainda à ponderação de Diogo Sardinha leitor de Michel Foucault e aplico a possibilidade de observar nesta cena filmica um ato político fora do tabuleiro das artes de governar, ou seja, vê-se encenado de que maneiras atos de rupturas no jogo político, decorrendo de resistências, podem dar início a jogos outros, incluindo outros e atores diferentes do que é lícito existir na política dominante. (Sardinha, 2011 op. cit.),

A esse "tocar as cordas íntimas do funcionamento dos micropoderes", associo sobretudo a atitude do homossexual que não expressa uma revolta no âmbito institucional em que lutaria por seus direitos. É uma voz, a todo volume, ecoando no silêncio do pátio, a gritar contra a exclusão de toda mudança na política tal como imposta pelo moralismo fascista. Antes de bater em retirada, ele se põe em uma atitude que não designa um ato contrário à instituição política da governamentalidade, mas sim a atitude apontando para o que se politiza no âmbito anti-institucional, e mesmo extra-institucional. O desabafo de Gabriele diante de Antonieta que o rejeita por não se dobrar à sua sensualidade feminina expressa o ato político que irrompe desestabilizando as regras do jogo da arte de governar, bem como as posições de quem joga dentro do espaço instituído para funcionar garantindo governamentalidade

Neste ponto da minha análise, destaco a resposta que Gabriele dá a Antonieta era quando esta quer saber porque ele foi despedido da rádio, ele responde: "Talvez porque

minha voz não é como manda o regulamento: solene, marcial e vibrante, de orgulho romano". Não há rejeição ao regime que não aceita o seu tom e timbre vocal masculino. Antes de tudo, em seu ato responsivo vem a afirmação de si na diferença situada no lugar em que não tem lugar.

O mesmo efeito performativo acontece mais adiante no instante em que Gabriele, se revela homossexual para Antonieta. É quando ele precisa desmentir a justificativa de seu desemprego. Duas bandas sonoras se superpõem nesta sequência filmica: – da voz do locutor que narra o evento cívico chamando atenção para o encontro o nazismo e o fascismo nas pessoas de Hitler e Mussolini e a voz do homossexual falando de si diante de uma convencional dona de casa. São duas vozes que se contrapõem não pelo que diz, mas pela maneira com que tornam presente, na tessitura própria ao entoar de cada um, o sujeito que fala, respetivamente do interior e do exterior do fascismo.

O caso não é de como se livrar do que nos interdita em nossas diferenças, sim de compreender como nos tornamos o que somos e como podemos ser outros no mesmo quadro de exclusão. No que diz respeito à relação circunstancial entre uma mulher e um homem confrontados em suas diferenças, não é que um e outro se defendem dos questionamentos que ambos lançam sobre a vida de cada um. As muitas réplicas que dirigem um ao outro não funcionam para reagir defensivamente Antes para dar conta de que existem e sobretudo expor o modo como suas existências definem uma maneira de viver. De fato, o efeito de suas enunciações traduz um constante colocar em suspenso o que vivem a partir e no tempo em que se escutam. Tanto que nem a vizinha, que demoniza Gabriele, consegue convencer Antonieta de que está recebendo um homem perigoso em sua casa. Ela alerta: "Não se pode fazer amizade com qualquer um"

Eis aqui o modo de enunciação que realiza um ato fascista. É que para a vizinha não importa quem é Gabriele. O importa é que ela está diante de um antifascista. Mas para Antonieta isso não lhe diz respeito, porque com Gabriele vive momentaneamente uma experiência totalmente exterior ao jeito fascista com que é conduzida a viver na relação com o marido e os filhos: "Uma pessoa decente não pode ser um antifascista" Com esse retrucar, Antonieta se expõe falando não contra o fascismo, mas sendo sujeito de uma experiência de interlocução que se encontra muito além do fascismo e do antifascismo.

Vemos depois que essa atitude não vai eliminar o instante de espanto e aparente rejeição quando Gabriele afirma não ser nem pai, nem marido, nem soldado. Delimito essa sequência filmica para destacar a cadeia de enunciações que a compõem. O foco do destaque deve recair sobre a materialidade de linguagem que nele é posta em cena.

Há a sequência do gesto da bofetada vinda das mãos de Antonieta no rosto de Gabriele: um intenso ato sem palavras. Contudo nele se vê e se escuta, antes o mal dizer sobre este homem. A agressão exprime menos insulto que decepção. Acontece que Antonieta experimenta um sentimento de insatisfação, porque sua expectativa não foi correspondida por Gabriele. Ela se desaponta e lança sobre ele a agressividade de que dispõe por ele ter se revelado longe do homem ideal que, segundo a moral fascista, deveria ser objeto de seu desejo sexual. Mas, por outro lado, se observa também na cena Antonieta constituindo-se como sujeito do ato não verbal de enunciação atravessado no limiar discursivo em que a experiência ali vivida extrapola o seu ser de mulher.

Entre muitos momentos emblemáticos de como a narrativa fílmica dá a ver atitudes feitas na exterioridade do fascismo e do anti-fascismo, destaco este instante em que Gabriele se revela homossexual a Antonieta, a mulher consciente de seus deveres de mãe e esposa. É quando ambos se recolhem e se entregam ao silêncio. Em meio ao ruidoso som da voz do locutor e das batidas, a forma do silêncio colocada em tela, figurando o emudecimento das vozes que antes se dirigiam um ao outro e agora se mostram surdas aos apelos vindos da manifestação.

O silêncio de Antonieta e Gabriele, ambos retornados aos seus respectivos ambientes domésticos, perfazem, na sequência de imagens que sucederam à situação do desentendimento, o silenciamento da falta de cada um no cortejo que saúda Hitler e Mussolini. As forças militantes que, na rua desfilam entre suas fileiras - mais de 25 mil mulheres e mais de 35 mil homens -, não contam com a presença vocal e corporal dessas duas raras figuras de exceção que, indiferentes ao ruído da multidão, entregam-se tão somente à experiência de não ali estar, posto que usam o mesmo tempo do desfile para estar consigo mesmos numa política de pura exterioridade em relação ao propagado sentimento de um povo situado fascistamente, na história presente. Enfim, trata-se sobretudo da arte do encontro entre diferentes feito à revelia do desencontro incontornável.

Referencias

FOUCAULT, Michel, "Introdução à vida não-fascista". In: DELEUZE, G., & GUATTARI, F.). *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34. 1974.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *O que é a crítica?* [Crítica e Aufklärung]. Tradução de Gabriela Lafeté a partir de: Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, Vol. 82, n° 2, pp. 35-63, avr/juin 1990.

FOUCAULT, Michel. *Entretiens radiophoniques*, 1961-1983. Paris : Flammarion, 2024.

SARDINHA, Diogo. "Um silêncio de Foucault sobre o que é a política". In: BRANCO, Guilherme Castelo; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *FOUCAULT: filosofia & política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SCOLA, Ettore. *Um Dia Muito Especial (Una Giornata Particolare)*. Itália-Canadá, 1977.